

**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
EMMANUEL LEVINAS**

LINGUAGEM, FEMININO E LITERATURA

L755

Linguagem, feminino e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas – Belo Horizonte;

Coordenadores: Gregory Rial e Luciene dos Santos, 2019.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-00-00046-7

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: “O sentido do humano: ética, política e direito e tempos de mutações”.

1. Ética. 2. Literatura. 3. Feminino. 4. Linguagem. IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas (1:2020 : Belo Horizonte, BH).

CDU: 34



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL EMMANUEL LEVINAS

LINGUAGEM, FEMININO E LITERATURA

Apresentação

O presente volume reúne os textos que foram apresentados no grupo de trabalho "Linguagem, Feminino e Literatura" durante o IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas ocorrido nos dias 8, 9 e 10 de outubro de 2019 na Dom Helder Escola de Direito.

Estes textos representam a versatilidade do pensamento levinasiano: são artigos não só da filosofia, mas também de áreas como teologia, direito, letras, comunicação social e psicanálise. As leituras transversais que os autores destes textos fazem da obra de Levinas permitem encontrar nos testemunhos da literatura, das imagens e dos rostos femininos o enigma do Outro, o rastro de uma ética não tematizável. A partir deste enigma são problematizadas e matizadas questões fundamentais para o atual momento e cria-se, do ponto de vista metodológico, uma epistemologia diferencia que ultrapassa a mera hermenêutica filosófica.

Destaca-se a renovada leitura do problema do feminino em Levinas que tem sido explorada e aprofundada como forma de responder ao premente apelo do nosso tempo de quitar a dívida histórica com as mulheres. Também as interfaces com a literatura criam uma

aproximação da filosofia com as letras em que se é possível escutar uma voz que interpela: serão os personagens literários uma figura do drama ético que a nossa carne experimenta? Em que medida a linguagem inacabada dos literatos conserva o dizer do encontro ético, do face a face?

Ressalta-se a abertura dos estudos levinasianos para a área da comunicação social, uma articulação promissora ao entrever nestes escritos filosóficos uma teoria da comunicação que não se reduz à mera troca de informações de uma interlocução contextualizada, mas que parte do pré-original: da abertura de um sujeito ao outro - condição de possibilidade de qualquer comunicação. Além disso, a apropriação da filosofia levinasiana pela Comunicação Social alimenta uma tensão muito pertinente que trata das possibilidades de encontrar o Rosto na plasticidade das imagens ou até que ponto uma imagem é epifania e em que momento é

reificação totalizante do Outro.

À apresentação oral destes textos seguiram preciosas discussões cujo conteúdo, infelizmente, não foi registrado em texto. Mas almejamos que a disponibilização deste material contribua para futuras discussões que, cremos, contribuirão para o aprofundamento

de Levinas na academia brasileira.

Os organizadores

ROSTO E LINGUAGEM: PARA PENSAR O ROSTO COMO FUNDAMENTO DA SIGNIFICÂNCIA ÉTICO EXISTENCIAL DO HUMANO

FACE AND LANGUAGE: TO THINK THE FACE AS FUNDAMENTAL OF THE MEANING EXISTENTIAL ETHICAL OF THE HUMAN BEING

Jéferson de Jesus Teixeira ¹

Resumo

Na ética filosófica de Emmanuel Lévinas, a categoria Rosto possui singular importância visto que é a maneira pela qual o Infinito se presentifica e doa significação à existencialidade. Neste sentido, o presente artigo investiga a possibilidade de pensar a categoria Rosto como fundamento da significância ético existencial do humano. Para tanto, elegemos alguns textos do filósofo, destacando: De outro modo que ser e Totalidade e Infinito. Constatamos que o fundamento da significância ético existencial pode estar compreendido no Rosto, visto que nele temos a presentificação do Infinito que instaura a linguagem da alteridade.

Palavras-chave: Ética, Rosto, Linguagem

Abstract/Resumen/Résumé

In Emmanuel Levinás' philosophical ethic, the category Face has a singular importance, because is the path through the infinite presente itself and donates meaning to the existenciality. In this way, the research investigates the possibility to think the category Face as fundamental meaning existencial ethic of the human being. Therefore, it was elected some philosophical texts which belongs to the philosopher: Otherwise to be and Totality and Infinity. It was verified that the fundamental of the meaning existencial ethical maight be understood in Face, whereas in it there is the presentification of infinite which installs the otherness language.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Ethic, Face, Language

¹ Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Teologia do Seminário Maior Imaculado Coração de Maria e Graduando em Teologia.

INTRODUÇÃO

É importante considerarmos, nos recorda Nilo Ribeiro Júnior (2005), que a construção ética filosófica de Emmanuel Lévinas se propõe esboçar uma ética que está para além da compreensão da ética ocidental, a qual está fundamentada no estatuto da ontologia. A grande preocupação não é o que é certo ou moral a se fazer, mas a escuta do questionamento do Rosto de Outrem que constitui a subjetividade humana enquanto responsável pré-originariamente por Outrem.

Lévinas ao constatar que a ontologia destitui o Outro de sua alteridade, reduzindo-o ao Mesmo, verifica que é preciso inverter os termos, por isso, em sua construção filosófica, ele busca “captar no discurso uma relação não alérgica com a alteridade, descobrir nele o Desejo – onde o poder, por essência assassino do Outro, se torna, em face do Outro e contra todo o bom senso, impossibilidade de assassinio, consideração do Outro ou justiça” (LÉVINAS, 2017, p.34). O retorno a atitudes de intolerância e preconceitos nas relações interpessoais denota que tudo parece anunciar, hoje, um retorno da filosofia ética.

É nessa conjectura de mundo que a ética levinasiana se desdobra como àquela que se propõe instaurar uma nova significância: a responsabilidade do um-para-o-outro até um-refém-do-outro tendo o Outrem como ser-em-sua-pele (LÉVINAS, 2011), dito de outra forma, uma ética do encontro, da sociabilidade, que nos indica a sensibilidade ao apelo do Rosto que clama por justiça e instaura uma nova significação na existência.

Portanto, “a ética é o campo que desenha o paradoxo de um Infinito em relação com o finito que não se desmente nessa mesma relação. A ética é o rompimento da unidade originária da apercepção transcendental – isto é, para lá da experiência” (LÉVINAS, 2017, p.163), no qual se inscreve a gênese da constituição da subjetividade do ser humano. O presente trabalho assume, assim, relevância, à medida que se propõe apresentar tal perspectiva ética como sugestão para se pensar as relações interpessoais na sociedade contemporânea.

Em Lévinas a categoria Rosto ganha um destaque singular, sendo a maneira enigmática de Outrem [Infinito] tocar a existência, sua epifania ou revelação divina nos indica um vestígio da “presentificação-ausente” do Outramente que ser, que convoca o sujeito para assumir suas antigas responsabilidades para com os outros. Em face do exposto, surge a interrogativa: poderíamos inferir que na epifania do Rosto de Outrem estaria contido o fundamento da significância ético existencial do humano?

Para tal empreitada, caracterizamos a epifania do Rosto como expressão outramente, isto é, enquanto iniciador da linguagem pré-originária. Posteriormente, dispomos o Rosto

enquanto sensibilidade e apelo à responsabilidade para, enfim, constatar o Outramente Rosto como o fundamento da significância ético existencial do humano. Este artigo se dará em dois momentos, a saber: O outramente Rosto: Linguagem e alteridade e Outramente Rosto e o sentido ético existencial do humano.

Recorremos a estas obras do filósofo em questão: *Entre nós: ensaios sobre a alteridade* (2010A), *Ética e Infinito* (2010B), *De outro modo que ser ou para lá da essência* (2011), *Humanismo do outro homem* (2012) e *Totalidade e Infinito* (2017), no intuito de investigar a possibilidade de pensar a categoria Rosto como fundamento da significância ético existencial do humano. Os comentadores como Márcio Luis Costa (2000), Marcelo Fabri (1997), Luiz Carlos Susin (1984), entre outros, nos possibilitou inferir que possivelmente no Rosto de Outrem está contido o sentido da significância ético existencial do humano.

1.1 O Outramente Rosto: Linguagem e alteridade

Mais do que uma caricatura do humano, no qual identificamos os traços ou características próprias de cada pessoa, o Rosto, na perspectiva de Lévinas, é uma realidade metafísica que advém de uma realidade excedente: “o Rosto *significa* o Infinito. O Rosto não aparece como tema, mas na própria significância ética: isto é, no fato de que quanto mais justo eu for mais responsável sou, nunca nos livramos de outrem” (LÉVINAS, 2010B, p.87). O Rosto na relação face a face está para além da ideia que o Eu tem do Outro.

O Rosto é “precisamente a excepcional apresentação de si por si, sem paralelos com a excepcional apresentação de si a si por si, sem paralelo com a apresentação de realidades simplesmente dadas, sempre suspeitas de algum logro, sempre possivelmente sonhadas” (LÉVINAS, 2017, p.197). Por isso, assevera o filósofo que, a epifania do Rosto não pode ser considerada enquanto fenômeno, pois “a fenomenologia descreve o que aparece, [...] penso antes que o acesso ao rosto é, num primeiro momento, ético. [...] A melhor maneira de encontrar outrem é nem sequer atentar na cor dos olhos” (LÉVINAS, 2010B, p.69).

Percebemos que o Rosto é a expressão viva que fala pela sua própria presença, extrapolando as formalidades de representações inteligidas. Para Lévinas, Outrem, em sua exterioridade que é [Rosto], “não suporta uma forma como o objecto suporta a plasticidade de um aspecto, de um perfil ou numa série aberta de aspectos, que ultrapassa cada um entre eles” (LÉVINAS, 2011, p.105), pois o seu modo ultrapassa as formas, excedendo o que o Mesmo é capaz de captar e compreender.

A manifestação divina de Outrem quer dizer que do Infinito, não diz respeito a um desvelamento, o qual pode ser capturável ou mensurável, pelo contrário, estamos diante de uma manifestação de outra ordem (LÉVINAS, 2017). Assim, percebemos que o Infinito ou a manifestação de Outrem em sua radical alteridade “consiste para o ser em dizer-se a nós, independente de toda a posição que teríamos tomado a seu respeito, *em exprimir-se*” (LÉVINAS, 2017, p.54). Nesse sentido, para o filósofo:

O rosto é uma presença viva, é expressão. A vida da expressão consiste em desfazer a forma em que o ente, expondo-se como tema, se dissimula por isso mesmo. O rosto fala. A manifestação do rosto é já discurso. Aquele que se manifesta traz ajuda a si próprio, segundo a expressão de Platão. Desfaz a cada instante a forma que oferece (LÉVINAS, 2017, p.54).

Manifestar como Rosto é se impor para além da forma, “manifestada e puramente fenomenal, é apresentar-se de uma maneira irredutível à manifestação, como a própria rectidão do frente a frente, sem mediação de nenhuma imagem na sua nudez, ou seja, na sua miséria e na sua fome” (LÉVINAS, 2017, p.194). Conforme o filósofo, na compreensão da miséria e fome presentes no Rosto há a instauração da própria proximidade do Outro o qual dá início ao discurso frente a frente com o Mesmo, em razão disso, “a epifania do infinito é expressão e discurso” (LÉVINAS, 2017, p.194).

A expressão do Infinito consiste, justamente, no ato de um ser se apresentar a si mesmo, “o ser que se manifesta assiste à sua própria manifestação e, por conseguinte, apela para mim” (LÉVINAS, 2017, p.194). Dessa forma, estar frente a Outrem em seu Rosto é ser interpelado, pois “o Rosto fala: A manifestação do Rosto é o primeiro discurso. Falar é, antes de tudo, este modo de chegar por detrás de sua aparência, por detrás de sua forma, uma abertura na abertura” (LÉVINAS, 2012, p.51). O discurso é a relação original com o ser exterior, com Outrem, o qual é a “presença que domina o que a acolhe, que vem das alturas, imprevista e, conseqüentemente, ensinando a sua própria novidade” (LÉVINAS, 2017, p.55).

Outrem em sua epifania concerne ao Mesmo falando-lhe, assim, o Rosto que o Mesmo acolhe o faz passar do fenômeno ao ser em um outro sentido: “no discurso, exponho-me à interrogação de Outrem e essa urgência de resposta – ponta aguda do presente – gera-me para a responsabilidade; como responsável, encontro-me conduzindo à minha realidade última” (LÉVINAS, 2017, p.173). Desse modo, verificamos que “Outrem é que vem à minha procura, arranca de mim uma resposta, inclusive eu próprio em sua integralidade como resposta: ‘eis-me’” (SEBBAH, 2009, p.70). Outrem em seu Rosto inquieta o Mesmo ao ponto de fazê-lo tomar uma atitude, pois “a presença do Rosto significa assim uma ordem

irrecusável – um mandamento – que detém a disponibilidade da consciência. A consciência é questionada pelo rosto” (LÉVINAS, 2012, p.52), provocando no Mesmo um desconcerto que o intima a responder ao apelo de Outrem.

Na epifania do Rosto temos o início de uma nova linguagem, isto é, linguagem pura, anterior àquela compartilhada e afeita aos seus diferentes jogos, despida de conversões: linguagem que não se reduz “àquela que conecta ao pensamento um objeto que lhe é dado” (LÉVINAS, 2010A, p.55), mas linguagem adventícia [significância] que vem de um não-lugar portando significação à existência subjetiva do sujeito.

A linguagem em sua conjectura formal nos chega com uma forma perfeitamente constituída, com suas regras, estruturas de definição e suas condições de possibilidades, no entanto, o instante da linguagem, ou seja, a força motriz da linguagem, antes de cair em uma formatação, é sempre o instante de um enigma (FARIAS, 2008). Nesse sentido, “a linguagem guarda o poder de uma invisibilidade, de um não manifesto” (FABRI, 1997, p.112), isto é, de um Dizer, que vem de alguém do ser, significando a responsabilidade por Outrem que não começou em um compromisso assumido, uma decisão [Outramente responsabilidade].

Para dizer dessa responsabilidade pré-originária [Dizer], o filósofo recorre “a um certo ‘esquematismo’ do sentido, do sinal e da significância” (SUSIN, 1984, p.310) no discurso/linguagem, que ele exemplifica por meio da relação entre o Dizer [do lado da ética] e o Dito [do lado da ontologia] (RICOEUR, 2008). Lévinas (2011) parte de uma linguagem fundada na ontologia – Dito –, dada aos jogos de significação na imanência, para dispor uma linguagem que: não é comunicação, não falada, não compreendida, não jogada, não correlata com o Dito, mas Outramente linguagem adventícia que constitui a subjetividade e intersubjetividade humana – é Dizer (COSTA, 2000). Para se chegar ao Dizer, sendo esse pré-originário, o filósofo parte de uma redução do Dito que permite ser o Outramente que ser.

O filósofo expõe que o Outramente não faz parte de uma ordem ontológica, mas é alcançado por meio dela, por meio das entranhas do Dito, o Outramente que ser/Dizer se torna acessível. A pretensão do filósofo é sangrar o Dito, arrancando dele o indizível, fazendo que o enunciado enuncie mais do que pode, isto é, desdizendo o Dizer por meio do Dito. Marcelo Fabri (1997) aponta que tal movimento de desdizer o Dizer é necessário, é essencial, pois, caso contrário, o Outramente que ser se converteria em ser novamente. Tal feito, para Márcio Luiz Costa, parece tratar de uma “peripécia da linguagem que pretende estirar o significado de modo que ele deixe ver sua significância e estirar o dito para que ele permita ver seu dizer” (COSTA, 2000, p.151). Assim, Lévinas quer “despertar o Dizer no Dito que nele se absorve e

que entra assim absorvido na história que o Dito impõe” (LÉVINAS, 2011, p.64). O que Lévinas busca é a subjetividade do Dizer, uma vez que este porta à significação ao Dito.

Vamos perceber que o Dizer é pré-originário e anárquico, ele não tem sua gênese na consciência do sujeito, nem no presente dessa consciência, assim, o Dizer instaura a significância que porta a significação por excelência que é a responsabilidade por Outrem que vem de além do ser. Em *Totalidade e Infinito* (2017) percebemos que o filósofo já expunha a existência da responsabilidade que surgia no Mesmo a partir da presença do Outro que abalava os processos reflexivos do Mesmo. Assim, a presença do Outro fora e é a condição *sine qua non* para a imputação do Desejo de Outrem, que já é uma resposta de responsabilidade.

Em *De outro modo que ser ou para lá da essência* (2011) Lévinas, ao aprofundar suas reflexões sobre a relação entre o Mesmo e o Outro, percebe que a interpelação do Outro é anterior à sua chegada: “Outrem concerne ao Mesmo antes que – a um qualquer título – o outro apareça a uma consciência. A subjectividade está estruturada como o outro no Mesmo. [...] O Outro no Mesmo da subjectividade é a inquietação do Mesmo, inquietação pelo Outro” (LÉVINAS, 2011, p.47).

Lévinas (2011) descreve tal inquietação precedente como um nó atado em subjetividade, significando uma fidelidade do Mesmo pelo Outro que é imputada antes de qualquer exibição do Outro [Intriga ética]. Nesse sentido, o nó consiste no ato de se dirigir ao Outro, sem se preocupar com o seu movimento em direção àquele que partiu para o encontro. Dito de outro modo, na relação ética o filósofo dispõe uma relação além da reciprocidade – assimétrica –, nesse sentido, o Eu realiza “sempre um passo a mais em direção a ele [Outro]: que, na responsabilidade que nós temos um pelo outro, eu tenho sempre uma resposta a mais a dar, respondendo pela sua própria responsabilidade” (LÉVINAS, 2011, p.102). Temos, então, uma responsabilidade que é:

Preliminar a toda a consciência, ou a uma afecção pelo Outro que eu não conheço e que não poderia ser justificação de nenhuma identidade, e que não se identificará, enquanto Outro, com nada. Fidelidade que se descreverá como responsabilidade do Mesmo pelo Outro, como resposta à sua proximidade anterior a qualquer questão, mas onde se deixará surpreender o nascimento latente da própria consciência – percepção ou escuta do ser – e do diálogo a partir do questionamento (LÉVINAS, 2011, p.47).

Verificamos a existência de uma responsabilidade anterior à consciência, à constituição do sujeito, uma responsabilidade in-causada por uma deliberação, mas responsabilidade dizendo respeito à identidade do sujeito, o qual não pode furtar dela. Assim,

temos a constituição de uma responsabilidade pré-originária pelo Outro que “não poderia decorrer de um compromisso *livre*, ou seja, de um presente” (LÉVINAS, 2011, p.72). Significa isso a existência de uma eleição que não está inscrita na ordem do ser, mas uma antecedência do Bem que escolheu o Mesmo para “dar, ser-para-o-outro, apesar de si, mas interrompendo o para si, é arrancar o pão à sua boca, satisfazer a fome do outro com o meu próprio jejum” (LÉVINAS, 2011, p.76).

A subjetividade ética, não sendo um conceito do Eu, mas anarquia imemorial do mundo, advinda de um não-lugar, é quem delega sentido e a existência ética subjetiva do sujeito [Si do Eu anterior ao Eu], pois “a eleição do outro incide sobre o **Se** – sobre minha corporeidade – antes ainda do **eu**, antes da consciência, liberdade, vontade” (SUSIN, 1984, p.324). Assim, o Si (*Soi*) do sujeito é eleito pelo Bem, não podendo furtar da investidura do Infinito sobre si em ser-para-outro, que à frente é levado a substituição¹ ao Outro. “O presente é o começo na minha liberdade, ao passo que o Bem não se oferece à Liberdade – ele escolheu-me antes mesmo que eu o tivesse escolhido. Ninguém é bom voluntariamente” (LÉVINAS, 2011, p.32).

Ao recorrer à categoria de eleição Lévinas assinala que o Mesmo fora eleito, sem ter assumido tal eleição: “Bondade sempre mais antiga que a escolha: o Bem já elegeu e requisitou desde sempre o único. E, enquanto eleito sem eleger a sua eleição, ausente da investidura recebida – o um é passividade mais passiva que toda passividade do sofrer” (LÉVINAS, 2011, p.77). Esta anterioridade da responsabilidade sobre a liberdade significa a bondade do Bem, “a necessidade do Bem de me eleger como primeiro, antes que eu esteja em posição de o eleger, ou seja, de acolher a sua escolha” (LÉVINAS, 2011, p.139). Nessa perspectiva, a vontade do sujeito seria livre para assumir a responsabilidade no sentido em

¹ André Brayner de Farias (2008, p.18) assevera que “o tema da substituição é o coração da filosofia levinasiana. [...] A substituição é a sustentação do mundo”. Em uma nota explicativa disposta na obra *De outro modo que ser ou para lá da essência* (2011, p.135), Lévinas diz que “a substituição é uma comunicação do um ao outro e do outro ao um, sem que as duas relações tenham o mesmo sentido”. “Comunicar é certamente abrir-se; mas a abertura não é completa se ela espera o reconhecimento. [...] Que a ênfase da abertura seja a responsabilidade pelo outro até à substituição – o para o outro do desvelamento, da mostração ao outro, que se inverte em para outro da responsabilidade” (LÉVINAS, 2011, p.135). Para Lévinas, “a substituição não é um acto, ela é uma passividade inconvertível em acto, o aquém da alternativa acto-passividade, a excepção que não se pode prostrar diante das categorias gramáticas como Nome ou Verbo, a não ser no Dito que as tematiza” (LÉVINAS, 2011, p.133). Desse modo, a subjetividade desde sua origem é substituição: “a subjetividade é de imediato substituição, oferta no lugar de um outro (e não uma vítima que se oferece ela mesma no seu lugar – algo que pressuporia uma região reservada de vontade subjectiva, por detrás da subjectividade da substituição), mas antes da distinção entre liberdade e a não-liberdade: não-lugar no qual a inspiração pelo outro é também expiação pelo outro, psiquismo pelo qual a própria consciência chegará a significar” (LÉVINAS, 2011, p.161).

que quiser, entretanto “não tem a liberdade de rejeitar essa mesma responsabilidade, de ignorar o mundo palpável em que o rosto de outrem a introduziu” (LÉVINAS, 2017, p.215).

A investidura/eleição do Bem sobre o Si é um acusativo que precede o nominativo, isto é, antecede o Eu, por isso a impossibilidade de não fazer cumprir aquilo que já fora pré-estabelecido:

O Infinito ordena-me o “próximo” como rosto, sem a mim se expor, e de uma forma tanto mais imperiosa quanto mais se estreita a proximidade. Uma ordem que não foi a causa da minha resposta, nem sequer uma questão que a teria precedido num diálogo; uma ordem que encontro na minha própria resposta, a qual, como sinal feito ao próximo, como “eis-me”, me fez sair da invisibilidade, da sombra na qual minha responsabilidade poderia ter sido omissa. Este dizer pertence à própria glória da qual dá testemunho. Esta forma de a ordem vir não sei da onde, este vir que não é recordação, que não é regresso de um presente modificado – ou envelhecido – em passado, esta não-fenomenalidade da ordem à qual estou sujeito antes de a escutar, ou que escuto no meu próprio Dizer; mandamento augusto, mas sem constrangimento nem dominação, que me deixa fora de qualquer correlação, ao ponto precisamente do dizer que chega até mim ser a minha própria palavra. (LÉVINAS, 2011, p.165).

Percebemos que, “a subjetividade do em-si é assim como uma obediência a uma ordem que se realiza antes que a ordem se faça ouvir, a anarquia mesma. [...] A subjetividade do sujeito anterior à *essência*” (LÉVINAS, 2012, p.85.102). Ser Eu significa não poder furtar-se à responsabilidade, como se o edifício de toda a criação estivesse sobre os ombros do sujeito, assim:

O Si é Sub-jectum: ele encontra-se sob o peso do universo – responsável por tudo. A unidade do universo não é aquilo que o meu olhar abarca na sua unidade de apercepção; mas aquilo que me incube por toda a parte, que me concerne nos dois sentidos da palavra, me acusa, me diz respeito. Neste sentido, a ideia de alguém procura por mim nos espaços intersiderais não é uma ficção da ficção científica, mas ela exprime a minha passividade de Si (LÉVINAS, 2011, p.131).

Assim como os pitagóricos afirmavam a condução do universo por leis matemáticas, Lévinas afirma que o ordenamento que rege o universo é existência de uma responsabilidade por tudo e por todos, levada até a substituição. Temos então, a instauração de um ser que não é para si, mas que é para todos, “simultaneamente ser e desinteressamento; significando o *para si* consciência de si, o *para todos*, responsabilidade pelos outros, suporte do universo” (LÉVINAS, 2011, p.132). Por esse motivo temos a caracterização da subjetividade como passividade mais passiva que toda passividade, subjetividade vulnerável, exposta ao ultraje, à ferida; tais adereços dizem respeito à subjetividade como sensibilidade ao Outro que é levada

até ao limite, “sensibilidade à flor da pele, à flor dos nervos, oferecendo-se até ao sofrimento – assim, inteiramente signo, significando-se” (LÉVINAS, 2011, p.36).

O filósofo dispõe a precedência da significação, como eleição, ser-para-o-outro, sobre a essência, pois, na perspectiva levinasiana:

A significação é a libertação ética do Si pela substituição ao outro. Ela se consoma como expiação pelo outro. Si, antes de toda e qualquer iniciativa, anterior a todo o começo, significando anarquicamente, anterior a todo o presente. Libertação em si de um Eu acordado do seu sonho imperialista, do seu imperialismo transcendental, acordado para si, paciência enquanto sujeição a tudo. Espiritualidade na qual tem lugar o Infinito mais antigo do que o tempo da rememoração, diacronia sem memória e, por isso mesmo, intempestiva (LÉVINAS, 2011, p.178).

Na visão levinasiana, temos a defecção/derrota da identidade do Eu dizendo respeito à inversão do Eu em Si. Esse filósofo realiza a deposição ou a destituição do Eu, sendo “a própria modalidade do des-interessamento numa espécie de vida corporal votada à expressão e ao dar, mas votada e não votando-se: um si apesar de si, na incarnação como a própria possibilidade de oferta, de sofrimento e de traumatismo” (LÉVINAS, 2011, p.71). Destarte, dispõe Lévinas que, é a partir da subjetividade como Si que a relação com Outro pode ser instaurada como comunicação e transcendência, e não outra forma de procurar sempre a certeza ou a coincidência consigo (LÉVINAS, 2011). O sujeito não está para si, mas um-para-o-outro, responsabilidade já inscrita em seu si, desse modo a significância dada nessa expressão um-para-o-outro se dá na proximidade do outro que na visão levinasiana é a significância da significação.

Afirma Lévinas que, “quando na presença de outrem, digo Eis-me aqui! É o espaço por onde o Infinito entra na linguagem, mas sem se deixar ver” (LÉVINAS, 2010B, p.88), dizer eis-me é Dizer sem correlação noemática, obedecendo à glória do Infinito que ordena; isento de diálogo, na passividade imediatamente submissa ao acusativo respondente. No acusativo eis-me temos então a instituição do Eu enquanto responsável por tudo e por todos, em um movimento de saída envio, no qual o Eu é convocado a sair de si testemunhando o Infinito, isto é, “sinal dado ao outro – paz enunciada ao outro –, a qual é responsabilidade pelo outro, até a substituição” (LÉVINAS, 2011, p.163).

1.2 O Outramente Rosto como fundamento da significância do humano

Dizemos que a subjetividade ética está estruturada enquanto Outro no Mesmo, nó atado em subjetividade significando a fidelidade do Mesmo ao Outro, “impondo-se antes de

qualquer exibição do Outro, preliminar a toda a consciência” (LÉVINAS, 2011, p.47). Nesse sentido, a subjetividade se encontra convocada a comparecer à responsabilidade Outramente, antes das necessidades lógicas ou de um encadeamento racional de suas significações, pois “a identidade do *mesmo* no eu advém a partir de fora, sem que ele queira, como uma eleição ou como uma inspiração, numa espécie de unicidade do intimado. O sujeito é para o outro; o seu ser esvai-se para o outro; o seu ser morre em significação” (LÉVINAS, 2011, p.73).

Poderíamos acusar a filosofia levinasiana de essencialista, o que é verdade, pois em sua visão “a vida é uma existência que não precede a sua essência” (LÉVINAS, 2017, p.103), todavia, o filósofo faz um movimento diferenciador que é a tentativa de encarnação² dessa essência, ou melhor, Lévinas busca encarnar a relação com o Infinito que é fonte da significância ética. Dispõe Lévinas que, “a relação com outrem não se dá fora do mundo, mas põe em questão o mundo possuído. A relação com outrem, a transcendência, consiste em dizer o mundo a Outrem” (LÉVINAS, 2017, p.167).

Nesse aspecto, vamos perceber que o sujeito levinasiano, antes de ter consciência de..., enquanto Mesmo/Eu, está lançado na existência vivendo do gozo, da fruição, satisfeito em seu egoísmo, não carecendo de nada. “Antes de serem ideias na consciência, os elementos do mundo são gozo na sensibilidade. Somos sensíveis ao mundo, na flor da nossa pele, antes que sabedores dele” (RODRIGUES, 2016, p.397). Assim, o filósofo dispõe que, “viver é como um verbo transitivo em que os conteúdos da vida são os complementos directos. E o acto de viver os conteúdos é, *ipso facto* [por isso mesmo], conteúdo da vida” (LÉVINAS, 2017, p.101).

A caracterização do sujeito vivendo de fruição é condição indispensável para a encarnação da subjetividade ética: “é necessário previamente fruir do seu pão, não para ter o mérito de dá-lo, mas para nele dar o seu coração – para dar dando-se. A fruição é um movimento inelutável da sensibilidade” (LÉVINAS, 2011, p.91). Em face disso, é no acontecer da fruição que temos a singularização de um Eu no seu dobrar-se sobre si:

Sem o egoísmo que se compraz em si mesmo, o sofrimento não teria sentido, perdendo também a passividade da paciência, se não fosse a todo o momento um

² Luiz Carlos Susin, em uma nota explicativa, esclarece que “Lévinas não acena a 'encarnação' do outro: A encarnação será tarefa ética que compete a mim. Há aqui uma afirmação implícita: O Messias sou eu” (SUSIN, 1984, p.345). É importante considerar que a encarnação é a dimensão da corporeidade, nos recordando o aspecto da sensibilidade que aprecia o mundo: gozo e satisfação, sensibilidade de carne e osso. No entanto, assevera Lévinas que “a encarnação não é uma operação transcendental de um sujeito que se situa no próprio seio de um mundo que ele representa para si; a experiência sensível do corpo é desde logo incarnada. O sensível – maternidade, vulnerabilidade, apreensão – ata o nó da encarnação numa intriga mais ampla do que a apercepção de si; intriga onde estou atado aos outros antes de estar ligado ao meu corpo” (LÉVINAS, 2011, p.95).

extravasamento do sentido pelo sem-sentido. [...] Assim sendo, o para-o-outro, pela dor, contraria simultaneamente o sujeito e afecta-o na sua intimidade. A fruição, na sua possibilidade de se comprazer em si mesma, isenta de tensões dialécticas, é a condição do para-o-outro da sensibilidade e da sua vulnerabilidade enquanto exposição a Outrem (LÉVINAS, 2011, p.92).

Diante do exposto, notamos que a fruição é a singularização do Eu, desse modo, sendo necessário que o sujeito exista enquanto comprazer-se em si mesmo para que, assim, a sensibilidade possa significar-se para o Outrem. Entretanto, esse para-o-outro da sensibilidade não se satisfaz, “não se contenta com boas intenções e com benevolência inteiramente platônica” (LÉVINAS, 2017, p.222), é um ato de bondade não começada na decisão do sujeito, mas investidura do Intercambiável. Assim, notamos que:

Só um sujeito que come pode ser para o outro ou significar. A significação – o-um-para-o-outro – não tem sentido senão entre seres de carne e osso. [...] A subjectividade de carne e osso na matéria – o próprio um-para-o-outro – é significância pré-original, doadora de todo o sentido porquanto doadora; não porque, pré-original, ela seja mais originária do que a origem, mas porque a diacronia da sensibilidade, que não se reúne num presente da representação, se refere a um passado irrecuperável, pré-ontológico, da maternidade; e é uma intriga que não se subordina às peripécias da representação e do saber, à abertura a imagens ou a uma troca de informações (LÉVINAS, 2011, p.92.96).

A relação ética, desse modo, se estabelece entre humanos, os quais movidos pelo Infinito são levados a se responsabilizarem pelos outros, sem esperar uma reciprocidade, uma recompensa, mas gratuidade: pura doação. Nesse sentido, temos a subjetividade da sensibilidade, que como encarnação, “é um abandono sem regresso, a maternidade, corpo que sofre pelo outro, corpo como passividade e renúncia, puro padecer” (LÉVINAS, 2011, p.97). Nesse aspecto, ser humano como um-para-o-outro até um-refém-do-outro tendo o Outro como ser-em-sua-pele significa:

Viver como se não se fosse um ser entre os seres. Como se, pela espiritualidade humana, se invertessem as categorias do ser, num de outro modo que ser [Outramente que ser]. Não apenas num ser de modo diferente; ser diferente é ainda ser. O de outro modo que ser [Outramente que ser], na verdade, não tem verbo que designe o acontecimento da sua inquietude, do seu des-inter-esse, da impugnação deste ser – ou do *esse* – do ente. Sou eu que suporto outrem, que dele sou responsável. Vê-se assim que no sujeito humano, contemporâneo de uma sujeição total, se manifesta a minha primo-genitura (LÉVINAS, 2010B, p.83).

Em vista disso, a identidade do Eu humano é ratificada pela existência da responsabilidade devedora à investidura do Infinito, que não há a possibilidade de recusa. O Eu é um *ser para* “ser responsável por ele [Outrem], suportá-lo, estar em seu lugar, consumir-

se por ele” (LÉVINAS, 2012, p.101) – eis a missão do sujeito levinasiano. Tal movimento de *ser para* acontece, dado que, a subjetividade do sujeito é considerada como “vulnerabilidade, exposição à afecção, sensibilidade, passividade mais passiva que toda passividade, tempo irrecuperável, dia-cronia não recuperável, não reunível da paciência, exposição sempre a expor, exposição a exprimir e, assim, a Dizer, e, assim, a Dar” (LÉVINAS, 2011, p.71).

Lembra-nos Lévinas (2011) que a significação, sendo a substituição, faz parte da constituição subjetiva do sujeito, precedendo a essência, sendo levada até às últimas consequências: perseguição, refém e expiação pelos Outros. Nesse aspecto, frente à proximidade do próximo o Eu não é indiferente a ele, pois “a passividade mais passível, inassumível – subjectividade ou sujeição do sujeito –, diz respeito à minha obsessão pela responsabilidade pelo outro oprimido” (LÉVINAS, 2011, p.75). Não tem como o Eu se furtar de suas responsabilidades, dado que:

O Eu (*Moi*), dos pés à cabeça, até a medula dos ossos, é vulnerabilidade. [...] Na vulnerabilidade encontra-se, portanto, *uma relação com o outro* que a causalidade não esgota. É uma relação anterior a toda afecção pelo excitante. A identidade do *si* (*soi*) não opõe limites ao suportar – nem mesmo a última resistência que a matéria “em potência” opõe à forma que a investe. A vulnerabilidade é obsessão pelo outro ou proximidade do outro. Ela é *para o outro*, por detrás do *outro* do excitante. [...] Todo amor ou todo ódio do próximo, como atitude refletida, supõe esta vulnerabilidade prévia: misericórdia; ‘gemido de entranhas’. Desde a sensibilidade, o sujeito é *para o outro*: substituição, responsabilidade, expiação. Nada é mais passivo do que este ser posto em causa anterior à minha liberdade, do que este ser posto em causa pré-original, do que esta franqueza. Passividade do vulnerável, condição (ou incondição) para qual o ser se mostra criatura (LÉVINAS, 2012, p.101).

Como percebemos, a constituição da subjetividade é caracterizada por uma sensibilidade/vulnerabilidade, que se apresenta na proximidade de Outrem, que se antecipa em sua chegada, sobretudo, com a presença do Terceiro [humanidade]. Na proximidade, o sujeito está implicado pela presença de Outrem de uma maneira que extravasa o sentido espacial, sentido este adquirido a partir do momento: “em que o terceiro o perturba, exigindo justiça na unidade da consciência transcendental, a partir do momento em que uma conjectura se desenha no tema e que, dita, reveste sentido de uma contiguidade” (LÉVINAS, 2011, p.99).

A proximidade do próximo é anterior à consciência, à intencionalidade, antes do saber e do querer. Nesse aspecto, se busca uma relação pura, isenta de mediações e sem o peso e a trama do ser: tal relação é com a aproximação de Outrem. Para Lévinas (2011) o sujeito afetado pela proximidade de Outrem não pode pensar que a afecção desse Outrem seja

recíproca, ao contrário, temos uma assimetria ética, isto é, a recíproca é problema de Outrem, mas a responsabilidade ao Eu incumbida deve ser exercida a todos os outros, inclusive, aos que não conheço sem esperar qualquer retorno de sua parte. A proximidade, dessa forma, é o contato com Outrem, no entanto “no próprio contato, aquele que toca e aquele que é tocado separam-se, como se o tocado, afastando-se, sempre já outro, não tivesse nada em *comum* comigo” (LÉVINAS, 2011, p.103).

A proximidade de Outrem não está inscrita em um desvelamento, mas é revelação que vem de um tempo longínquo, atestando uma temporalidade diferente [temporalidade diacrônica] daquela em que a consciência está imersa [temporalidade sincrônica]. O próximo enuncia, ordena e chama o Eu, “antes de toda a assunção, antes de todo compromisso consentido ou recusado. [...] Ele ordena-me antes de ser conhecido” (LÉVINAS, 2011, p.104). Na aproximação, o Eu é imediatamente servo do próximo, estando sempre atrasado e imbricado pela culpa do atraso. Por essa razão afirma Lévinas que, “num certo sentido, nada é mais incomodo que o próximo” (LÉVINAS, 2011, p.105), quer dizer, o próximo em sua proximidade imprime um caráter de urgência extremada em seu ordenamento, “diremos que, desde que o outro me olha, sou por ele responsável, sem mesmo ter de *assumir* responsabilidades a seu respeito; a sua responsabilidade *incumbe-me*. É uma responsabilidade que vai além do que faço” (LÉVINAS, 2010B, p.80). Nesse aspecto:

O próximo atinge-me antes de me atingir, como se eu tivesse escutado antes de ele falar. [...] Na proximidade, escuta-se um mandamento vindo como de um passado imemorial: que nunca foi presente, que não começou em nenhuma liberdade. Esta *maneira* do próximo é rosto. O rosto do próximo significa-me uma responsabilidade irrecusável, precedendo todo o consentimento livre, todo o pacto, todo o contracto. Ele escapa à representação; ele é a própria defecção da fenomenalidade. Não porque seja demasiado brutal para aparecer, mas porque, num certo sentido, demasiado fraco, não-fenômeno, porque menos que fenômeno. O desvelamento do rosto é nudez – não-forma – abandono de si, envelhecimento, morrer; mais nu que a nudez; pobreza, pele enrugada; pele enrugada: rasto de si mesmo (LÉVINAS, 2011, p.106).

Na proximidade de Outrem o Eu é acusado por sempre estar atrasado em relação à intimação do próximo, uma vez que, essa Presença não está inscrita na temporalidade dos relógios – sincrônica – mas advém de um passado imemorial – eleidade – que desmantela/deflagra a concepção de tempo recuperável da história e da memória onde a representação se perpetua. O próximo que advém precede a experiência, a memória, a história, ele é extra-temporalidade do *a priori*; a maneira do próximo é Rosto.

“O rosto pede-me e ordena-me. A sua significação não é uma ordem significada. Permita-me dizer que, se o rosto significa uma ordem a meu respeito, não é de maneira como

um signo qualquer significa o seu significado; esta ordem é a própria significância do rosto” (LÉVINAS, 2010B, p.81). No Rosto, que vem enigmaticamente a partir do Infinito e do passado imemorial que ele implica, temos a emanção da significância ética de um passado que concerne o Eu, que lhe diz respeito, isento de processos de reminiscência, de redenção, de representação, de toda referência a um presente rememorado. Diz Lévinas que “é precisamente neste chamamento de minha responsabilidade pelo rosto que me convoca, me suplica e me reclama, é neste questionamento que outrem é próximo” (LÉVINAS, 2010A, p.174).

O Rosto do próximo, em sua nudez, obceca o Eu, “Ele olha-me, tudo nele me olha, nada me é indiferente” (LÉVINAS, 2011, p.110). Esclarece Lévinas (2011) que nada é mais imperativo do que a maneira do rosto do Infinito que passa e se retira imediatamente, ou seja, o Rosto é o rosto de uma ausência que significa uma ordem que, “quanto mais respondo, mais sou responsável; quanto mais me aproximo do próximo, do qual estou encarregue, mais me afasto. Passivo que cresce: o infinito como infinitização do infinito, como glória” (LÉVINAS, 2011, p.111).

O Rosto, dessa maneira, diz respeito à concretização do ordenamento do Bem e da proximidade do próximo, o qual significa em sua dualidade: a alteza de onde descende e sua miséria, por estar inserido no mundo, mas não fazendo parte dele. Nesse sentido, a estrutura do Rosto que ordena e pede ao Eu é a própria significância, pois é mediante a proximidade de Outrem como Rosto que inicia a comunicação; que a significação ética é instaurada como responsabilidade [Dizer]. Temos que, “a verdadeira essência do homem apresenta-se no seu rosto, em que ele é infinitamente diferente de uma violência semelhante à minha, oposta à minha e hostil e já em luta com a minha num mundo histórico em que participamos no mesmo sistema” (LÉVINAS, 2017, p.287). Assim, vemos que a significância/proximidade é um ser apanhado na fraternidade e sua representação nasce da significância da proximidade, na medida em que um Terceiro ladeia o próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Rosto diz respeito a uma categoria cara para a construção filosófica levinasiana, visto que no Rosto temos a presença do Infinito que instaura um Outramente que ser. Buscamos compreender a ética levinasiana na tentativa de apresentar a categoria de Rosto como possível fundamento da significância ético existencial do humano. O Rosto é o Infinito, e sua manifestação divina é palavra. Palavra pré-originária, que doa sentido, que insere o

“fenômeno” da significação no mundo. O Rosto é o Dizer pré-originário que vem de além mundo despertar a consciência do sujeito de sua responsabilidade para com ele, e também para com toda a humanidade [Terceiro].

Outramente responsabilidade que despontada no Outramente Rosto indica o ordenamento do Bem, que elegeu o Eu, antes de sua decisão ou tomada de consciência, a ser um-para-o-outro. Lévinas parte do esvaziamento do Ego, chegando ao Si, o qual ordena o Eu. Desse modo a reconstituição da subjetividade surge juntamente com o Dizer pré-original que significa, a antecendência da responsabilidade que vem do não-lugar doando sentido ao lugar mundano. Notamos que a subjetividade do Si, desde sua constituição, fora feita enquanto vulnerável, sensível à presença do próximo em sua proximidade. O sujeito é para o Outro: Substituição, responsabilidade, expiação. Por isso, o Eu não pode se furtar à responsabilidade, mas responder “eis-me aqui” como Substituição a todos. Por intermédio do Rosto, o Infinito ordena ao Eu e sua resposta “eis-me aqui” é o espaço por onde o Infinito entra na linguagem, mas sem se deixar ver.

A construção ética levinasiana nos apresentou uma ética radical, em que o Eu é chamado a “dar-se”, “expiar-se” em favor dos outros, não como fruto de uma deliberação do sujeito, mas como uma vocação própria do humano que é o de estar em relação e se tornar responsabilizado em fazer cumprir a ordem do Bem. O sujeito levinasiano não está livre do passado imemorial que o concerniu e o elegeu, mas é livre para, da maneira como puder, fazer valer sua responsabilidade, como eleito, pelo Outrem. Desse modo, temos uma ética do encontro, da sociabilidade, que nos indica a sensibilidade ao apelo do Rosto que clama por justiça e instaura uma nova significação na existência.

Por esse viés, constatamos que o fundamento da significância ético existencial do humano pode estar compreendido na proximidade/fraternidade do próximo que é Rosto. Uma peripécia de uma Outramente linguagem que constrói um ser-de-fraternidade. A este ser apanhado na fraternidade, que é a proximidade, damos-lhe o nome de significância. A representação da significância nasce ela mesma na significância da proximidade, na medida em que um Terceiro [humanidade] ladeia o próximo. Entendemos por significância da proximidade uma sensibilidade, uma encarnação entre seres de carne e osso, senão de o Outrem em minha pele.

Sensibilidade ao Outramente Rosto que atinge-nos antes de nos atingir, como se eu o tivesse escutado antes de ele falar. Assim, no Rosto de Outrem, temos a presentificação do Infinito que desordena toda a realidade, fazendo-nos um chamamento,

enunciando/anunciando a primeira palavra e instaurando uma Outramente linguagem, a linguagem da alteridade. Todavia, dado a complexidade do pensamento levinasiano e as possíveis leituras e interpretações que possam ser feitas, nós trazemos tal constatação como uma sugestiva, que pode ser resignificada, melhorada, ou, até mesmo refutada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Márcio Luis. **Lévinas: uma introdução**. Trad. J. Thomaz Filho. Petrópolis–RJ: Vozes, 2000.

FABRI, Marcelo. **Desencantando a ontologia: subjetividade e sentido ético em Lévinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

FARIAS, André Brayner de. A anarquia imemorial do mundo: Lévinas e a ética da substituição. **Veritas – Revista de Filosofia**. Porto Alegre, v. 53, n. 2, p.18-34, 2008.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. 5ed. Trad. Pergentino Pivatto (org.). Petrópolis–RJ: Vozes, 2010A.

_____. **Ética e Infinito**. Trad. João Gama. Biblioteca Nacional de Portugal. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2010B.

_____. **De outro modo que ser**. Trad. José Luis Péres e Lavínia Leal Pereira. Lisboa-Portugal: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

_____. **Humanismo do outro homem**. Trad. Pergentino S. Pivatto. (org.). 4ed. Petrópolis–RJ: Vozes, 2012.

_____. **Totalidade e Infinito**. Trad. João Gama. Biblioteca Nacional de Portugal. Lisboa-Portugal: Edições 70, 2017.

RICOEUR, Paul. **Outramente**. Trad. de Pergentino Stefano Pivatto. 2.ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008.

RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. **Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Lévinas**. Tomo 1. São Paulo – SP: Loyola, 2005.

RODRIGUES, Tiago dos Santos. A noção de Rosto em Emmanuel Lévinas. **InterEspaço – Revista de filosofia**. Grajaú–MA, v.2, n.6, p.396-407, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/download/6504/4166>>. Acesso em: 15 de jul. 2019.

SEBBAH, François-David. **Lévinas**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo – SP: Estação Liberdade, 2009.

SUSIN, Luiz Carlos. **O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas**. Petrópolis: Vozes, 1984.